

# ENCANTOS E DESENCANTOS NO DISCURSO DO PROFESSOR : UM PROCESSO DIALÓGICO

Enchantment and Disenchantment in teachers' discourse: a dialogical process

Maria das Dores Oliveira de Albuquerque\*  
Ana Cristina de S. Aldrigue\*\*

**RESUMO:** O propósito deste trabalho foi analisar enunciados de cunho dialógico, ocorridos no discurso do professor em processo de formação continuada. Para análise, foi observada a produção textual (discurso/enunciados) dos professores/alunos que foram instigados a produzir um relato de experiências (RP), sobre as concepções do desempenho proporcionado pelo referido curso. Os pressupostos teóricos foram respaldados pelos estudos enunciativos ancorados pela perspectiva do círculo bakhtiniano, nas versões de Rojo (2001) Rodrigues (2003). Especificamente quando são apresentados os conceitos de discurso, enunciado, texto e gênero do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** dialogismo ; enunciado, discurso

**ABSTRACT:** The intention of this work was to analyze dialogical-based statements, occurred in the speech of the teachers in the process of continued formation. For this analysis, we observed the literal production (discourse) of teachers/students who had been asked to produce a experience report (ER) on the conceptions of the performance achieved in the mentioned course. The theoretical assumptions have been endorsed by the enunciative studies anchored in the perspective of the bakhtinian circle, in accordance to Rojo's (2001) and Rodrigues (2003) views, particularly in the domain of discourse, statement, text, and discourse genre conceptions.

**KEY-WORDS:** dialogy, statement, discourse

## 1. Considerações iniciais

Vários são os estudos que se preocupam com o processamento das atividades humanas. Alguns desses, quando são direcionados ao ensino, especificamente de língua materna, podem comprovar os

\* Professora do Centro de Formação de Tecnólogos da UFPB

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	-------------	------	------	--------------	----------

encantos e desencantos dos professores em processo de formação continuada. Por essa perspectiva, o foco deste trabalho está centrado nos estudos que viabilizam a refração do ensino da produção textual, respaldados nas teorias enunciativa/interacionista. Nosso propósito é suscitar um debate sobre o envolvimento interacional advindos dos cursos para professores em processo de formação continuada na Paraíba, especificamente, com aqueles que participaram do PROFA, realizado no município do Conde PB. Muitos estudiosos apresentam uma preocupação de como está se realizando o ensino da produção textual na escola e, dentre esses estudos, Rojo (2001) constata que esse ensino pode tornar-se um problema devido à existência de uma diversidade teórica relativa tanto aos gêneros quanto as tipologias textuais. Por esta versão ela adverte:

Nos PCNs pode-se notar uma alternância de conceitos de gêneros e tipologias textuais ancorados em Bakhtin (mesmo não sendo demonstrado no texto) que se juntam com “organização interna a partir de seqüências discursivas – narrativa, dissertativa, argumentativa, expositiva e conversacional” provenientes de fontes teóricas diferentes as quais mesclam indiscriminadamente, gênero discursivo e tipologia textual.(ROJO, 2001,,p.08)

O que podemos constatar é que o próprio PCN, instrumento de orientação para o ensino, ao apontar as propostas metodológicas sobre produção textual, apresenta um descompasso no direcionamento do campo teórico metodológico.

O PROFA, objeto de nossa pesquisa, teve um direcionamento metodológico respaldado nos estudos de linha interacionista, a exemplo dos trabalhos de Rojo que dá realce a produção de linguagem, especificamente, a linguagem verbal, quando frisa que produzir discurso, é emitir algo, de um modo especial, articulado a um contexto histórico em circunstâncias próprias de interlocução. Isso torna imprescindível a concepção de que as escolhas para a produção de um discurso não são feitas por acaso.

O interessante nesse parágrafo é a questão da interação, abordada pela referida autora e esta marca acompanha todo sua teoria, especificamente, quando em seus estudos referenda a dinamicidade dos conceitos bakhtinianos e frisa a inviabilidade de aplicações mecânicas. Demonstra a necessidade de valorizar *o corpus* para viabilizar, no leitor \ analista fruidor, a capacidade de dialogar com esse *corpus* e a luz de sua materialidade, de suas particularidades;

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	-------------	------	------	--------------	----------

surpreender nas inúmeras formas assumidas pela linguagem. Neste caso, a língua portuguesa, o interdiscurso, as memórias aí contidas e em constante movimento, graças às interações de textos / leitores.

## 2. Processo dialógico: uma balizagem teórica

Para Bakhtin (1995, p.48):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variada que sejam, estão sempre relacionadas com utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

O que se pode verificar conforme o filósofo russo, é que as práticas discursivas são atravessadas pelas coerções das diferentes atividades humanas, tendo como consequência a origem dos gêneros do discurso.

Quando admitimos a concepção de Rodrigues, de que *os gêneros constituem-se como “índices” sociais para a construção do enunciado (quem sou eu, quem é o meu interlocutor, como este me vê, para que, o que e como dizer etc.)*, é que podemos constatar o interlocutor defrontando com o discurso do outro, a partir do primeiro instante. Assim se promove a inferição a que gênero pertence o enunciado e, dessa forma, constituem-se os índices indispensáveis para construção do sentido do enunciado do outro e para a atitude resposta dele.

Para focalizar o conceito de enunciado, elegemos, principalmente, as concepções de Bakhtin de que:

O enunciado existente, surgindo de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 1993, p.86).

Podemos nos certificar, pela versão demonstrada por Bakhtin que o enunciado é elemento de interação entre os interlocutores, e que também é constituído no contexto histórico-político e social. Quando promovemos um enunciado, ele “representa” o estado de consciência de seu interlocutor em relação aos acontecimentos do mundo. Por esta versão, devemos comprovar que o enunciado, a partir do momento que é idealizado, busca uma réplica lingüística, ou extra-lingüística, promovida pelo consciente ou inconsciente daquele a quem é destinado e se realiza em função dessa eventual réplica (*reação-resposta*).

Podemos nos conscientizar pelas posições citadas acima, quando lemos os seguintes textos. Segundo Freitas (2000, p.43), *o enunciado é a unidade da comunicação discursiva que supõe a alternância dos sujeitos falante. Cada enunciado constitui-se em um novo acontecimento único e irrepitível da comunicação discursiva, pois ‘ é a postura ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido* (RODRIGUES 2003, p. 289).

Rodrigues (2003) ressalta a autonomia do enunciado, ao frisar a sua irrepitibilidade, para ela, o enunciado é irrepitível, é uma nova unidade da comunicação discursiva contínua, contribuindo para sua existência e mudança.

Podemos perceber que o afloramento do enunciado acontece através da inter-relação discursiva (dialogismo), por isso deveríamos dizer que ele não pode ser nem o primeiro nem o último, porque nasce como multiplicador de outros enunciados e busca atitude responsiva ativa do seu destinatário (enunciados pré-figurados). Nesse sentido, o enunciado, ao dirigir-se para seu objeto, por mais monológico que pareça, não pode deixar de se orientar pelos outros discursos sobre o mesmo objeto ( a concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica), que são os enunciados já-ditos, ou seja, representa uma

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

tomada de posição axiológica (visão de mundo), (cf. RODRIGUES(2003)).

Um dos trabalhos de Rojo (2001) apresenta uma retrospectiva das pesquisas que contribuíram para o assessoramento dos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, produção/revisão de livros didáticos e cursos de formação de professores.

Nesse texto, a autora acima apresenta orientações que promovem um “afastamento” do enfoque tradicional centrado no estudo da frase até a década de 70, para o domínio do texto, que tem como prisma os processos cognitivos de produção de texto (planejamento, produção, editoração, revisão) e de sua compreensão (antecipação e checagem do conteúdo do texto; inferências em diversos níveis, localizações, etc), conforme a autora, representou um incontestável avanço nas práticas didáticas.

Pela visão da autora mencionada, esses trabalhos deixavam à margem as propriedades discursivas, interativas ou enunciativas dos processos de compreensão/produção de discursos - tais como as situações de produção em que estas se dão: a interação entre interlocutores: a subordinação das formas à significação: a marcação ideológica do texto (Cf. ROJO, 2001, p.165)

Por esses estudos podemos constatar que o que preocupa os pesquisadores é formar cidadãos capazes de interagir criticamente com os discursos – alheios e com o próprio discurso.

Um outro problema, segundo Rojo, a dificuldade do ensino da produção de texto estava no distanciamento da valorização da língua oral, pois, havia uma atenção especial para a modalidade escrita – que *“deixava de fora, um campo fundamental para a constituição da cidadania: o campo da construção do oral público”*

Também foi sinalizado pela autora, como primeira instância, os trabalhos que se desenvolvem no ensino–aprendizagem sob a perspectiva sócio-histórica ou sociocultural/vigotskiana. Uma vez que foram encontradas muitas coincidências entre os pensamentos dos autores (Bakhtin/Vygotsky) e alguma complementariedades e releituras possíveis. Viu-se que havia um ponto de convergência nas obras de Vigotsky e Bakhtin: a visão marxista de organização e funcionamento da sociedade e de sua dinâmica de produção e reprodução cultural. Influenciadora da noção de interação dos autores. Isto está mostrado, segundo a autora, “nas noções de psicologia do

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

corpo social (VOLOCHINOV, 1929) ou de contexto psíquico do homem social (Vygotsky, 1929)”. Ambos, portanto, admitem a necessidade de um tipo social de Psicologia para dar conta da dinâmica humana de perpetuação/mudança das estruturas sociais”. e ainda – ambos colocam na interação social, cujo corpo é o *signo* ou a palavra, materialidade deste extrato necessário (Cf. ROJO, 2001, p.168 e269).

James Wertsch (1985), in Rojo, classifica a ZPD (zona proximal de desenvolvimento) como uma das idéias mais concretas de Vygotsky sobre as relações entre o funcionamento intrapsicológico, determinado pelo processo de internalização que têm sido, nas duas últimas décadas, não só um fértil campo de investigação vygotskiano, mas também um controverso campo de debates.

Pela discussão da autora, foram identificadas três vertentes interpretativas:

- – uma cognitivista – centrada no aspecto “intrapessoal” isto é no incremento do conhecimento e em suas possibilidades de mensuração.
- – uma interacionista, centrada no aspecto “interpessoal”, isto é, nas pautas de interação presentes no desenvolvimento potencial e tidas como responsáveis pela internalização;
- -uma discursiva (ou enunciativa) tem o objetivo de não dissociar interação, discurso e conhecimento, e cuja base de análise é essencialmente a linguagem (e não a (inter)ação ou os conceitos).

O grupo de trabalho de Rojo optou por trabalhar pela terceira vertente, discursiva-enunciativa, tendo como foco fundamental os preceitos bakhtiniano com o objetivo de aplicação no campo aplicado do ensino e aprendizagem de linguagem.

Ainda Rojo, em texto anterior, (1996) faz alusão a algumas decorrências teóricas imediatas desta releitura para a perspectiva vygotskiana:

- a unidade de análise passa da “palavra/ signo” ao “enunciado” com seus temas, formas de acabamento (composição, estilo) acentos valorativos / vontade enunciativa.
- O enunciado passa a só adquirir sentido/significado / circulação a partir de situações concretas de produção (enunciação) que devem ser caracterizadas e levadas em conta, enunciativamente,

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	-------------	------	------	--------------	----------

não mais comunicativamente.

Por esta visão, passam então a ter valor heurístico a atribuição de sentido ou interpretação pertinentes a grupo ou cultura, os enquadres institucionais, as relações de poder e hierarquia nas instituições e os papéis sociais aí assumidos, determinantes de perspectivas, e das relações inter-pessoais;

- a enunciação – e, por decorrência, o enunciado – é sempre dialógica, polissêmica, plurilingüística – vozes mesmo quando sem efeito composicional implicam uma aparência de autonomia, controle, monologia e monovocalismo;

Fomos imbuídos por esta visão que novos conceitos interpretativos, tais como: vozes, gênero, plano enunciativo, dialogismo, discurso citado, heterogeneidade são postos em circulação na análise, assim como novas categorias lingüístico-enunciativas são convocadas.

Nos estudos de Siqueira (1988) o discurso é visto como processo, já que, intersubjetivamente integra enunciador e enunciatário num processo de enunciação. Isto é, discurso é um processo de produção de sentido, viabilizado pelas estratégias interacionais, promovido por instantes dialógicos desencadeados entre sujeito/enunciador – sujeito/enunciatário, com o propósito de detectar, inclusive, a essência comunicativa. Enquanto que o texto é o produto (enunciado) atualizado através de um mecanismo de codificação, no caso, o lingüístico, uma unidade de significação, ou seja, uma manifestação enunciativa com uma referência e uma tematização organizada bilateralmente pela coerência e pela coesão.

Para o referido autor, o processo discursivo é estabelecido através de um percurso descrito por consenso-especificidade – não—specificidade-consenso; em que o enunciador ao se inserir num processo enunciativo, busca estabelecer um primeiro contato com o enunciatário a fim de criar um lugar propício de negociação. Enquanto que a organização da produção textual é orientada por quatro macrocategorias, as quais são: - *acordo – informação nova – reciprocidade – avaliação*.

Por este processo, segundo Siqueira, é imprescindível que o enunciador se direcione pelos princípios básicos para o estabelecimento da coerência e coesão textuais, pois sem a observação deles a organização do texto não será estabelecida com adequação e eficácia.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

Para Bakhtin (1953), se vivemos em uma sociedade e somos usuários da língua nela utilizada, não podemos omitir nossas idéias, pensamentos, emoções, vontades como também não desempenhar diversos papéis sociais por meio da língua: *cada uma dessas funções 'é expressa através de enunciados, que, ao mesmo tempo, são concretização da língua e carregam a visão de mundo de cada usuário, sendo portanto únicos.*

Por este prisma, para se comunicar, portanto, os usuários utilizam-se de enunciados que serão, necessariamente, registros de acontecimentos específicos de seu meio. Esse usuário não vai reformular o seu discurso toda vez que for se comunicar: Ou seja, existem tipos de enunciados que são considerados padrão e são utilizados em determinadas situações. A esses “tipos relativamente estáveis de enunciados” Bakhtin denominou de gêneros do discurso.

Bakhtin (1953, p.281) apresenta os gêneros em duas classes ou tipos: *primário e secundários*. Na primeira classe ou grupo, estão aqueles nascidos das circunstâncias de comunicação verbal espontânea, tais como a réplica do diálogo ou a carta. E na segunda classe ou grupo, estão aqueles que são originados em detrimento de transformações diversas e realizáveis segundo circunstâncias de comunicação mais complexas, nestes temos o romance, as obras científicas entre outros.

Ao tratar da estabilização dos gêneros, Faraco(2003) questiona, “como pensar o gênero como um tipo relativamente estável de enunciado e, ao mesmo tempo, como um dos elementos de “acabamento” do enunciado. O autor busca responder a esse questionamento através da compreensão da sua relação histórica. Isto é, pela sua constituição dialética, os gêneros exercem um certo efeito “normativo” (norma social) sobre as interações verbais.

Os gêneros englobam forma histórica, são produções culturais, “modos sociais de dizer” mas são antes uma atividade social de linguagem, modos de significar o mundo (os gêneros apresentam uma visão de mundo). Como modos sociais de ação (atos sociais) e de dizer, os gêneros “regulam”, organizam, significam e valoram (horizontes axiológicos) a interação verbal. (FARACO, 2003).

Rodrigues (2003), ao apresentar a distinção entre texto e enunciado, faz uma ressalva e demonstra que, nas obras do Círculo bakhtiniano, a concepção de texto tem similaridade com a noção de enunciado. No entanto, em outros momentos, esses termos são

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	-------------	------	------	--------------	----------



tratados como conceitos distintos. Segundo a autora, Bakhtin salienta que dois aspectos “determinam” um texto como enunciado: seu projeto discursivo [o autor e seu querer dizer] e a realização desse projeto [a produção do enunciado vinculada às condições / coerções da situação de interação e sua relação com os outros enunciados; o dado da situação social de interação, da língua, do gênero etc.].

O texto visto como enunciado tem uma função ideológica particular (é produzido numa dada esfera social, possui uma finalidade discursiva), possui autor e destinatário, mantém relação dialógica com outros textos (textos – enunciados) etc... Isto é, tem as mesmas características do enunciado.

Um outro ponto que não podemos nos desviar é o de que o enunciado está inserido em uma situação social (imediate e ampla). Não se pode compreender o enunciado sem considerar, *o discurso, como “fenômeno” de comunicação social, é “determinado” pelas relações sociais que suscitaram*. Há um vínculo efetivo entre enunciado e situação social, ou melhor, a situação se integra ao enunciado, constitui-se como uma parte dele, indispensável para a construção do seu sentido (Cf. RODRIGUES, 2001).

Para enfatizar, vejamos uma das citações de Bakhtin:

Um enunciado isolado [para fins de estudo] e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico – axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, fraco, cínico, autoritário e assim por diante (BAKHTIN, 1993, p.46).

Em síntese, segundo a autora referendada acima, a realização de constituição do enunciado é feita, via duas dimensões inseparáveis: a dimensão verbal-textual e a dimensão social.

Bakhtin (1979, p. 142) diz que os gêneros são “impessoais”, visto que não são os enunciados, individuais e irrepitíveis; entretanto, não são entidades abstratas, são históricos e concretos (a linguagem de um gênero é histórica e concreta).

O que constitui um gênero é sua ligação social de interação, e não

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

suas propriedades formais ou seu nome. Por exemplo, embora possam encontrar traços formais semelhantes entre os gêneros biografia científica e romance biográfico, eles são gêneros distintos, porque mesmo que os “valores biográficos” (princípio organizador da narrativa que conta a vida de um outro, ou da própria vida, na autobiografia) sejam partilhados pela ciência e pela arte, eles encontram-se em esferas sociais diferentes, com funções discursivo-ideológicas distintas (finalidade histórico-científica e finalidade artística). O “gênero artigo” não é ou transforma-se em outro quando está na ciência ou no jornalismo, pois são dois gêneros que têm o mesmo nome (há gêneros que têm mais de um nome outros que nunca foram nomeados etc.) (Cf. RODRIGUES, 2003).

Furlanetto (2002, p. 79) encara discurso como um objeto de investigação vinculado às condições de produção dos enunciados. E textos, como conjuntos enunciativos que obedecem a certos parâmetros de organização, são formulados dentro de uma moldura institucional que estabelece balizas para a sua enunciação. Eles refletem, de algum modo, as características históricas da sociedade onde circulam, e de que são marcos e documentos – refletem, pois, valores, convicções, crenças, conflitos.

A autora citada anteriormente coloca uma observação feita por Maingueneau de que a Análise do Discurso não tem como objetivo teórico enumerar empiricamente tipos de discurso e que apenas por hipóteses, os “tipos” aparecem como *sítios de onde é possível recompor a paisagem no interior da qual se formam os objetos*.

Podemos salientar, segundo Furlanetto (2002, p.79), que não interessa em si mesmo um sermão ou um panfleto, mas a luz ou o canal que eles abrem para definir num certo espaço uma identidade enunciativa. Neste espaço, constrói-se um arquivo, que pode perfeitamente entrelaçar uma variedade de gêneros.

## **2. O processo dialógico nos relatos de experiência dos professores em processo de formação continuada**

Com a intenção de apresentar uma amostra do objeto de investigação, escolhido para ser descrito nesse estudo, apresentamos, a seguir, alguns relatos de experiência de professores da SEC-JP/PB,

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

que participaram de um processo de formação continuada (PROFA), sob a orientação do Programa de Apoio ao Ensino da Língua Portuguesa – PAELP/UFPB, durante o ano de 2003. A análise desses enunciados (relatos de experiências) dos professores busca salientar vestígios abordados na teoria bakhtiniana ao focalizar mais a parte verbal/textual dos dados, instigada pelo princípio do ponto de vista do enunciado, à luz de perguntas similares às de Rodrigues(2003) no texto – *Gêneros do discurso na perspectiva Dialógica da linguagem: Abordagem do Círculo de Bakhtin* - como: o que motiva a realização desses relatórios?; Isto é, eles são uma reação-resposta a quê, ou a quem? Como essa reação se manifesta nesses relatos? De que lugar social o autor se posiciona? O que ele diz? Qual sua orientação valorativa diante do que diz? Como e a partir de quê e de quem ele constrói essa orientação axiológica? Como o autor se orienta para e percebe o seu interlocutor e suas possíveis reações? Como tudo isso se inscreve materialmente nos relatos?

### **3.1 Pelo prisma do social, quais são as repercussões dos relatos de experiências dos professores em processo de formação continuada**

O arcabouço temático dos “relatos” refere-se a eventos sociais constitutivos da comunicação educacional (escolar), mas que estão relacionados ao desempenho profissional dos autores/enunciadores – e é a partir desse lugar que eles se posicionam: é/são o(s) professor(es) que expõe(m) as suas fragilidades vivenciadas em sala de aula, ou o que pensam das instituições, especificamente, a escola. Nos exemplos, o(s) professor(es) na posição de aluno(s) coloca(m) a sua prática pedagógica como foco de seu discurso, objeto de avaliação dos coordenadores e ou “capacitadores” responsáveis pela realização do PROFA, e “expõe(m)” o seu pensamento como justificativa da “falta de segurança “ por não ter ainda conseguido se adequar às mudanças à aplicação das novas teorias [...] *São muitas as raízes do tradicional que são difíceis de se libertar*”.

A produção dos relatos de experiência é motivada pelos acontecimentos da atualidade (momento histórico vivido), que são enunciados ou eventos tomados como objetos do discurso pelos enunciados (da comunicação escolar – educacional, por exemplo, tais como mudança na política metodológica do ensino de língua). Esses

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	-------------	------	------	--------------	----------

enunciados ou objetos de discurso desses enunciadores podem ser vistos pelo(s) professor(es) como objeto de crítica e questionamento; de concordância e comentário positivo (a necessidade de implementação de novos modelos teórico-metodológicos) de apoio/argumento para seu discurso (a menção de participação em outros cursos, no exemplo); ou como uma espécie de ponto de partida, gancho para seu discurso. O gênero relato de experiência mostra, com a textualização do acontecimento motivador, sua dupla orientação: constitui como uma reação-resposta a esses enunciados da atualidade [o já-dito (justificativa para realização do curso, resultados de pesquisas)] e busca a reação-resposta de seu interlocutor.

Tais relatos estão direcionados pelas atividades sócio-político-educacionais e inseridos em “documento” “provas”, que serão verificadas pelas “autoridades competentes”, “responsáveis” pela demonstração do desenvolvimento da educação do país. Quanto à características do conteúdo temático dos relatos de experiências dos professores participantes do PROFA, diz respeito a seus *aspectos implícitos*, que são construídos e ressignificados a partir do conhecimento social, político, econômico e cultural (conhecimento do modo de produção dos “documentos/provas” das instituições educacionais) dos participantes da interação desse gênero. Além disso, como a finalidade discursiva dos relatos de experiências não se destina especificamente para a apresentação dos acontecimentos sociais em si (como no gênero notícia), mas para sua apreciação “especulativa”, “verificativa”, essas atividades se formulam como um núcleo discursivo dialogador a partir do qual o relator(autor) manipula seu princípio de valor, e que o leitor precisa reformular em sua *reação-resposta*. No exemplo citado o leitor/avaliador precisa estar “integrado” ao desenvolvimento do projeto de capacitação implementado pelo PROFA. Isto é, saber o que ele é, qual o impacto sobre a sociedade, quem deseja esse curso e, ainda quem é o professor, quem ele representa.

Embora o *ethos* da autoria do(s) relato(s) de experiência legitime e seja um argumento de autoridade para o que é dito, a orientação apreciativa do “relator” face a seu objeto de discurso não se constrói de modo solitário, mas se encontra entrelaçada com outras posições discursivas, estabelecendo em seu enunciado relações dialógicas com os enunciados **já-ditos**. A posição do autor/relator vai se construindo

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

por meio de sua relação com esses enunciados, que são citados em seu enunciado (dialogismo interno) e valorados diferentemente. Na análise dessas relações dialógicas do(s) relato(s) com os enunciados já-ditos, pôde-se observar a manifestação de dois grandes movimentos dialógicos: a incorporação de outras vozes ao discurso do autor/relator, avaliadas positivamente, que são ‘chamadas’ para a construção de seu juízo de valor, que pode ser denominado: o movimento dialógico *de assimilação* (termo de Rodrigues), e o apagamento, distanciamento, isolamento, desqualificação das vozes às quais o autor se opõe, Rodrigues (2003) também o denominou de movimento dialógico de *distanciamento*.

No movimento dialógico de assimilação, os enunciados já-ditos dão ‘credibilidade’ ao discurso do(s) ‘relatore(s)’, que trazem consigo outras opiniões, verdades, fatos, dados etc. que vão dar corporeidade e sustentação ao seu juízo de valor. A manifestação desse movimento dialógico encontra-se na relação do autor com a sua esfera de atuação. Há a presença de vozes da esfera do cotidiano (no posicionamento de uma psicóloga): *Continuo junto do professor buscando alternativas para o problema que surge. PROFA seguindo em frente foi um aprofundamento da proposta, trazendo soluções de dúvidas e questionamentos feitos pelo professor e por mim. O meu conhecimento pessoal foi maior do que eu pude fazer pelo professor (Tereza Cristina B.C. da Silva – psicóloga – escola José Peregrino de Carvalho.)*

No relato, o enunciador expõe exemplos metodológicos estudados, vemos que – **O Construtivismo** invoca a voz de outros modelos, teorias metodológicas para reforçar a necessidade de complementariedade de conhecimento na área. *Quando eu participava de alguns cursos, eu tentaria mudar a minha prática pedagógica, mesmo assim continuava, não conseguindo mudar esta prática.*

No movimento dialógico de distanciamento, há o trabalho de isolamento da orientação valorativa do outro (ela é colocada a sós, sem o apoio de outras vozes) bem como o chamamento de outras perspectivas que não têm ou não adquirem, no enunciado do autor, o estatuto de credibilidade. Nesse movimento, normalmente, não há a identificação de um determinado livro, mas uma referência difusa.

No movimento dialógico de assimilação, pode-se destacar a

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	-------------	------	------	--------------	----------

escolha de determinados verbos ou grupos proposicionais do discurso citado (*valeu muitos adquirir esses novos conhecimento da aula de hoje*).

#### 4. Considerações finais

Quando consideramos o relato de experiência como um tipo de gênero do discurso e analisamos os enunciados: “*É difícil deixar o tradicionalismo...*” “*ainda há resistência na minha escola em consolidar o método*”, mesmo o professor estando participando do PROFA” “*mesmo havendo resistência por parte do professor...*” como ocorrências discursivas realizadas, conforme as circunstâncias inerentes ao contexto sócio-histórico social, pois é desse contexto que surgem as interlocuções apresentadas pelos enunciadores, no caso, os alunos/professores que participaram do PROFA. Podemos verificar que esses enunciadores se apresentam como prestador de contas a alguém e que os mesmos estão numa posição hierárquica “inferior”, mas apesar de demonstrarem “entusiasmo” pelo curso, as pistas lingüísticas dos enunciados grifados denunciam que as mudanças de renovação didática-pedagógica anunciadas pelo curso, “ainda”, estão um pouco longe de se consolidarem na escola pública.

Foi respaldado por este prisma, que este trabalho é uma amostra ainda em construção de um estudo que possibilita demonstrar que as “novas” teorias de âmbito lingüístico, enunciativo e interacionistas que têm sido difundidas pelos chamados cursos de “capacitação” de professores, ainda não alcançaram os seus objetivos, que são as mudanças de atitudes no que se referem aos trabalhos no campo da produção textual.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A Construção de “Títulos” em Gêneros diversos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico, In: ROJO, Roxane (Org.). *Práticas de Linguagem em Sala de Aula, Praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- FURLANETTO, Maria Marta, Produzindo Textos: Gêneros ou tipos? In:

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

*PERSPECTIVA*, Revista do Centro de Ciências da Educação. vol.20, N. 1, jan/jun de 2002, Florianópolis: Editora da UFSC.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Perspectivas Enunciativas-Discursivas em Produção de Textos*. In *Anais do IV Congresso da Lingüística Aplicada*. Campinas: DLA/IEL/UNICAMP, 1996, P.285-290.

----- . *A Prática de Linguagem em Sala de aula*. 2001

----- . *PCNs, gêneros e Ensino de língua: Fases discursivas da Textualidade*. Campinas: UNICAMP, 2001.

----- . Modelos de Processamento em Produção de Textos: Subjetividade, Autoria e Monitoração. In: *Reelaboração de comunicação, apresentada no XXXVI. Seminário do GEL*, São Paulo:USP, 1989.

----- . *Interação e Discurso Oral: Questão de Aquisição de Linguagem e de Letramento Emergente*. In D.E.L.T.A, Vol. 11, nº 1, São Paulo:PUC, 1995 (65-90).

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *Os Gêneros do discurso na Perspectiva Dialógica da linguagem:a abordagem do Círculo de Bakhtin*. 2001.

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg de, *Uma proposta para ensino/aprendizagem de redação: Alguns critérios para Coesão e Coerência do texto*. (12): 165-172, jul / dez, Campinas: PUC, 1988.

## ANEXOS

### Texto – 01

Antes do PROFA, a minha prática pedagógica, era seguir muito o ensino tradicional. Quando eu participava de alguns curso, eu tentaria mudar a minha prática pedagógica, mesmo assim continuava, não conseguindo muda esta prática. São muitas as raízes do tradicional, que são difície de se libertar. (.....) Após o PROFA. Os estudos feitos só veio ajudar cada vez mais na nossa prática pedagógica com mais idéias de conhecimentos. Foi muito positivo os conhecimento da aula de hoje, porque eu não tinha despertado para fazer o diagnóstico dos meus alunos. Só veio a somar com tudo que foi aprendido no PROFA. Valeu muitos adquirir esses novos conhecimentos nesse três anos de curso. É necessário continuar estudando essas

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------

novas práticas pedagógicas. (Maria do Carmo – professora – Escola M. E. F. Anísio Texeira) .

## Texto 2.

Antes do PROFA eu não entendia o que era o Construtivismo e tinha uma visão que era difícil e dava muito trabalho. Quando iniciei o curso vi que realmente o Construtivismo dava um pouco de trabalho, mas que era possível fazê-lo. (.....) Isto foi se superando aos poucos apesar de eu ter ainda hoje um pouco de resistência por parte dos professores em executar as suas tarefas. Continuo junto do professor buscando alternativas para o problema que surgem. PROFA seguindo em frente foi um aprofundamento da proposta, trazendo soluções de dúvidas e questionamentos feitos pelo professor e por mim. O meu conhecimento pessoal foi maior do que eu pude fazer pelo professor. (Tereza Cristina B.C. da Silva – psicóloga – escola José Peregrino de Carvalho.)

## Texto - 03

Foi bastante gratificante a minha experiência durante a participação do curso (PROFA), pois tive contato mais direto com o aluno, consolidando nossa relação afetiva e crescimento pessoal. Já havia tido contato com o método “Construtivista” mas não havia realizado atividades, aplicando-o. É difícil

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------



deixarmos o tradicionalismo, mas não é impossível mudarmos. Ainda há resistência na minha escola em consolidar o método, mesmo o professor estando participando do Profa. Com o PROFA segue em frente, a avaliação que realiza é que nos deu argumento para junto ao professor realizar um trabalho mais consolidado sistemático, de troca de experiências. Mesmo havendo resistência por parte do professor, conversamos e decidimos iniciar o ano 2004, com o encaminhamento deste. (Rita de Cássia Coelho Pedrosa – psicóloga da Escola Pe Leonel da França.).

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/Dez 2006	p 95-111
------	----------------	------	------	-----------------	----------